



de **MARCELO MIRISOLA** e **FURIO LONZA**

TECO, o garoto que não fazia aniversário

ilustrado por **ANDRÉ BERGER**



Copyright © EDITORA BARCAROLLA 2012

Revisão: ROBERTO ALVES
Capa, projeto gráfico e diagramação: ANDRÉ BERGER

Fontes THE FELL TYPES reproduzidas digitalmente por IGINO MARINI
www.iginomarini.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Mirisola, Marcelo
Teco, o garoto que não fazia aniversário / de
Marcelo Mirisola e Furio Lonza ; ilustrado por
André Berger. -- São Paulo : Editora Barcarolla,
2012.

ISBN 978-85-97833-67-3

1. Ficção - Literatura infantojuvenil I. Furio,
Lonza. II. Berger, André. III. Título.

12-14210

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura infantojuvenil 028.5

Todos os direitos reservados à
EDITORA BARCAROLLA LTDA.
Av. Pedroso de Moraes, 631, 11º andar
05419-000 Pinheiros, São Paulo, SP, Brasil
Telefone/fax (5511) 38144600
www.editorabcarolla.com.br

H. BUSTOS PALHINHA PRODUÇÕES *apresenta*

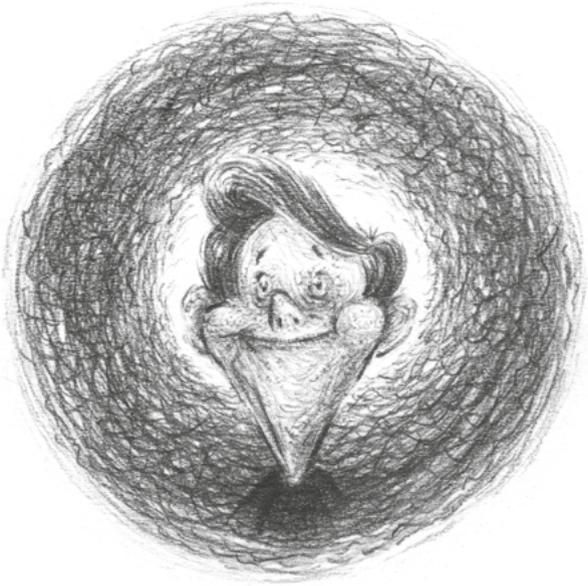
de MARCELO MIRISOLA *e* FURIO LONZA

TECO, *o garoto que não fazia aniversário*

ilustrado por ANDRÉ BERGER

Para MARINA FRANCO,

sem ela nem um teco deste livro existiria.



Segunda-feira.

Dia bonito.

A aventura começa.

Teco não gostava de festa de aniversário, odiava bolo, detestava brigadeiro, mas até que gostava de língua-de-sogra. Ele se divertia mesmo era com as palavras que levavam sua imaginação para o fundo da terra: avalanche, enxurrada e desabamento eram as suas preferidas. E também gostava de passar horas e horas trancado em armários. Ele era amigo das coisas esquisitas. Sempre que podia, vestia as roupas da mãe.

Às vezes, se escondia no depósito de materiais de limpeza da escola. Usava muito o nariz, e adorava o cheiro de tinta fresca e o cheiro de páginas emboloradas de livros antigos. Nem dava bola para criaturas extraterrestres. Também não queria saber de Playcenter e montanha-russa, preferia ficar na garagem do prédio ouvindo o barulho das tubulações. E lambia azulejos. Uma vez, pegou bicho geográfico na língua.

Escrevia redações de trás pra frente, sempre começando pelo final. Os professores já estavam se acostumando com suas maluquices. Ele não ligava de ter de ir à escola todo dia, apenas achava as aulas muito compridas, chatas e repetitivas. Agora, de

feira de aniversário é que ele não gostava mesmo.

Não é possível! Toda criança gosta de festa!, diziam os pais, os avós (amigos, ele não tinha), as tias, a professora. Ninguém podia acreditar que Teco odiava aniversários. Ele só faltou chorar quando os pais anunciaram que tinham contratado um bufê para comemorar seus nove anos. O garoto não queria saber de brinquedos, monitores, musiquinhas, correria. Teco se recusava a ir a sua própria festa.



– Meu filho, vamos colocar centenas de balões coloridos, brincadeiras e doces! – disse a mãe, desesperada.

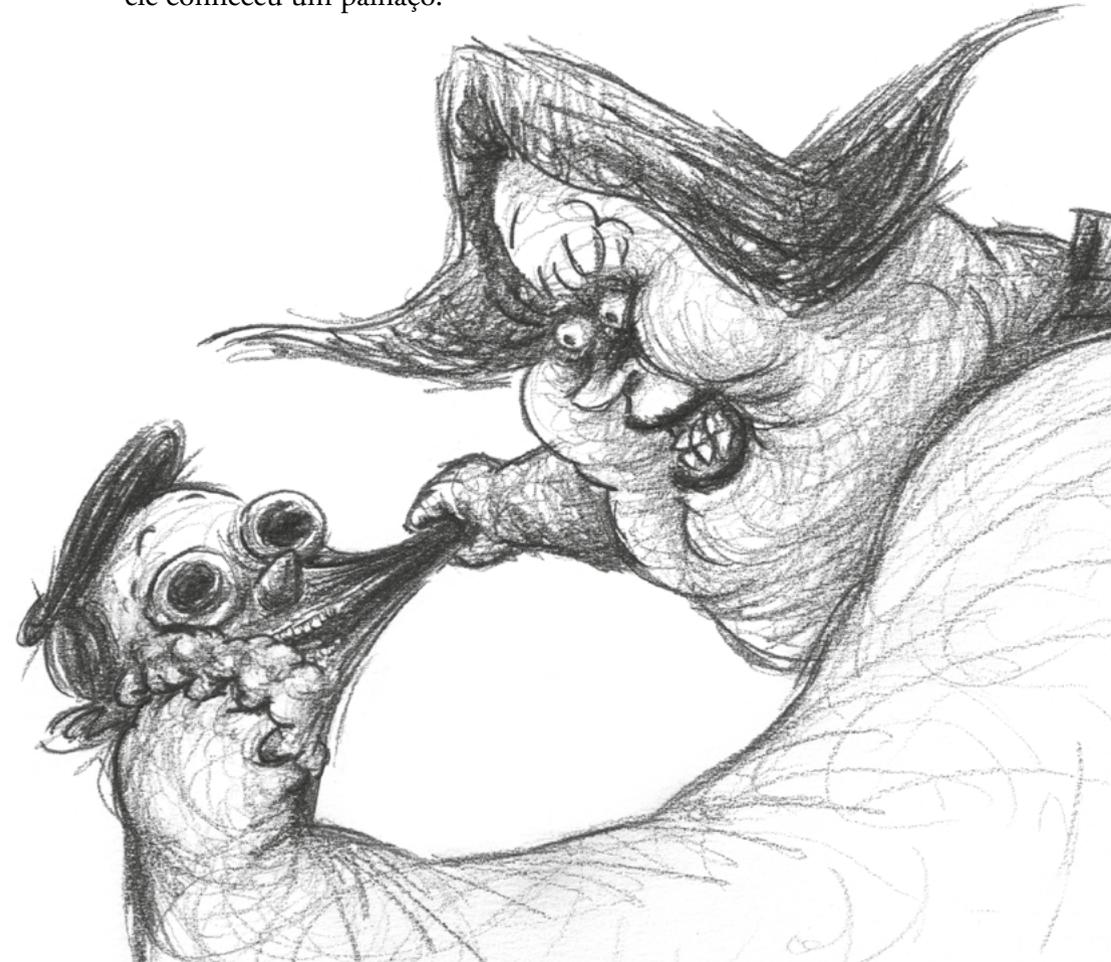
– Eu não quero.

– Teco, vai ter uma aventura surpresa, vamos chamar super-heróis, o Wolverine, os Power Rangers, a Xuxa, a menina Maísa, o vampirinho Dráuzio Varella!, acrescentou o pai.

– Táí, o Dráuzio, tudo bem. Quero ele no tiro ao alvo.

A verdade é que, para Teco, festas significavam tias gordonas apertando suas bochechas e dizendo “Que gracinha, não é mesmo?”, sem falar na estúpida dança da cadeira, balas de coco em papel de seda colorido, cachorro-quente estragado, muita dor de barriga e presentes idiotas. Não gostava de festas e achava isso muito normal.

A vida de Teco estava nessa balada até que o dia em que ele conheceu um palhaço.





De um lado, um menino esquisito que não gostava de aniversários. Do outro, um palhaço amargo que já não queria fazer rir. Não deu outra. Os dois logo se reconheceram... bateu o santo.

O palhaço mostrou a língua para uma senhora gorda que conferia o preço de um pedaço de queijo gosmento. Teco caiu na gargalhada e mostrou a língua também.

– Olá, menino, meu nome é Cachacinha. O que você está lendo?

– Um livro sobre um detetive cego que usa os outros sentidos – principalmente o olfato – para resolver crimes complicados.

– O olfato, é?...

– Sim, ele tem faro....

Apesar de o palhaço não saber direito o que queria dizer olfato nem faro, riu muito. Teco gostou daquilo. E também riu muito. O palhaço tinha ganhado a confiança de Teco. A partir daí, começaram a conversar sem parar. Cachacinha contou para Teco que tinha trabalhado num circo e que, durante um tempo, fizera muitas crianças felizes. Mas que, na verdade, não suportava crianças, achava elas meio burras e mimadas.

Teco disse que não gostava de circo, nem de festa, muito menos de crianças. Cachacinha reclamou de alguma coisa, apontou para as câmeras do supermercado e disse: Isso aqui é uma prisão.

– Você não é um palhaço normal. Você parece triste e azarado – disse Teco.

Cachacinha contou a Teco que sempre fora um palhaço amargurado. Teco não tinha amigos. Cachacinha disse que eles poderiam ser amigos. Teco enfiou o dedo no nariz. Cachacinha também. E os dois – em pouco tempo – tornaram-se grandes amigos.





Quarta-feira.

Dez horas da manhã.

Centro velho de São Paulo.

Madame Ninja havia se matado pra incriminar o vizinho
– Teco decifrara o mistério três páginas antes de o livro acabar.

Que idiota essa Madame Ninja!

Teco também tinha fardo. Mas, como se sabe, o caminho dos homens é tortuoso e insondável. O garoto não sabia o mistério que rondava a alma de Cachacinha.

– Teco. Tive uma ideia! – disse o palhaço.

– Lá vem você com suas ideias de palhaço sem graça. O que é dessa vez, Cachacinha?

– Você vai fazer aniversário, não vai?

– Vou, sim, infelizmente – respondeu o garoto, contrariado.

– Quero dar um presente pra você! Vem comigo!

* * * * *

Cachacinha levou o garoto para a avenida São João. Teco começou a achar aquilo tudo muito estranho. Chegaram a um

bar. O Palhaço pediu um rabo de galo. Virou um copo cheio. E pediu para o balconista acrescentar bastante groselha à bebida.

– Experimenta, Teco. É divertido!!!

O garoto começou a chorar e o palhaço não gostou. Ameaçou Teco e torceu a mão do menino, sem que ninguém no bar pudesse perceber:

– Se você não parar de chorar e não beber esse troço – disse o palhaço, com uma voz de caverna –, eu quebro seus dedinhos agora mesmo, garoto mimado, filhinho de papai! Garanto que tem tudo que quer. Roupas, comida na hora certa, brinquedos.

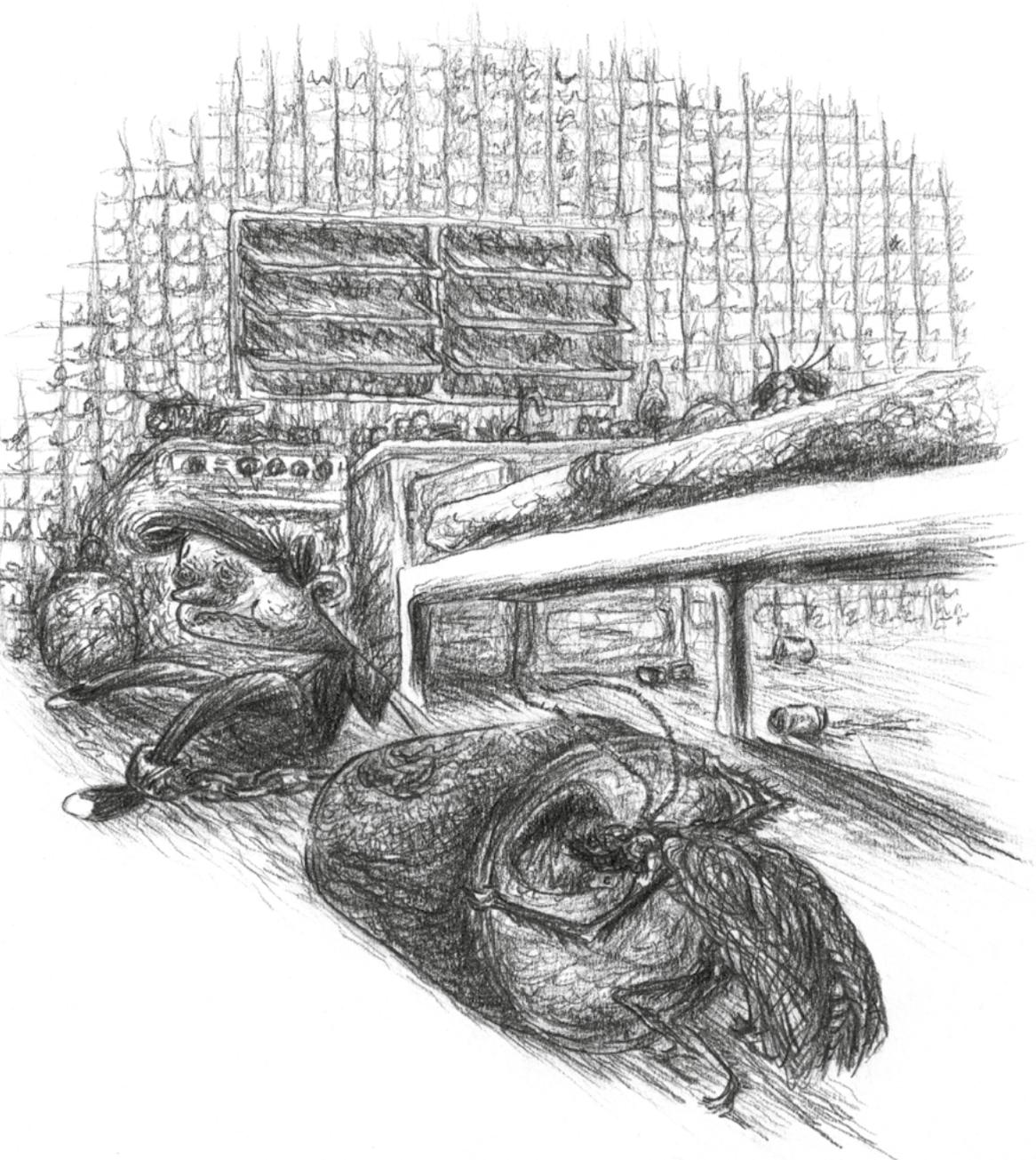
– Não – disse Teco, fungando –, eu não gosto de nada disso!



– Gosta, sim – respondeu o palhaço, ameaçador: você é um mimadinho de merda. Só quem tem tudo é que pode se dar ao luxo de ser rebelde: não gosta de fazer aniversário, não gosta de bolo... Garanto que, quando você crescer, já tem uma vaga de gerente esperando na fábrica do teu pai. Vai andar de carrão, praticar jiu-jitsu e zoar nas baladinhas. Aí, o papai aparece e molha a mão do seu delegado pra livrar a cara do playboyzinho. Se liga, garoto!

Teco engoliu o choro e a bebida. Uma atrás da outra. O mundo começou a girar em volta dele e, aos poucos, esqueceu-se onde estava.

Apagou.



Quinta-feira.

Meio-dia.

No miolo do destino umbroso.

Teco acordou num lugar estranho, apertado e sujo. Era a quitinete do palhaço Cachacinha, ali perto do bar, no Largo Paissandu. Tinha mil latinhas abertas na pia, pacote de Miojo jogado no chão, baratas pra todo lado. O palhaço ria da cara dele. O menino pensou que aquela brincadeira já não tinha mais graça.

– Tá de ressaca, garoto?

– Quê?

– Você tomou todas ontem à noite – disse Cachacinha, às gargalhadas.

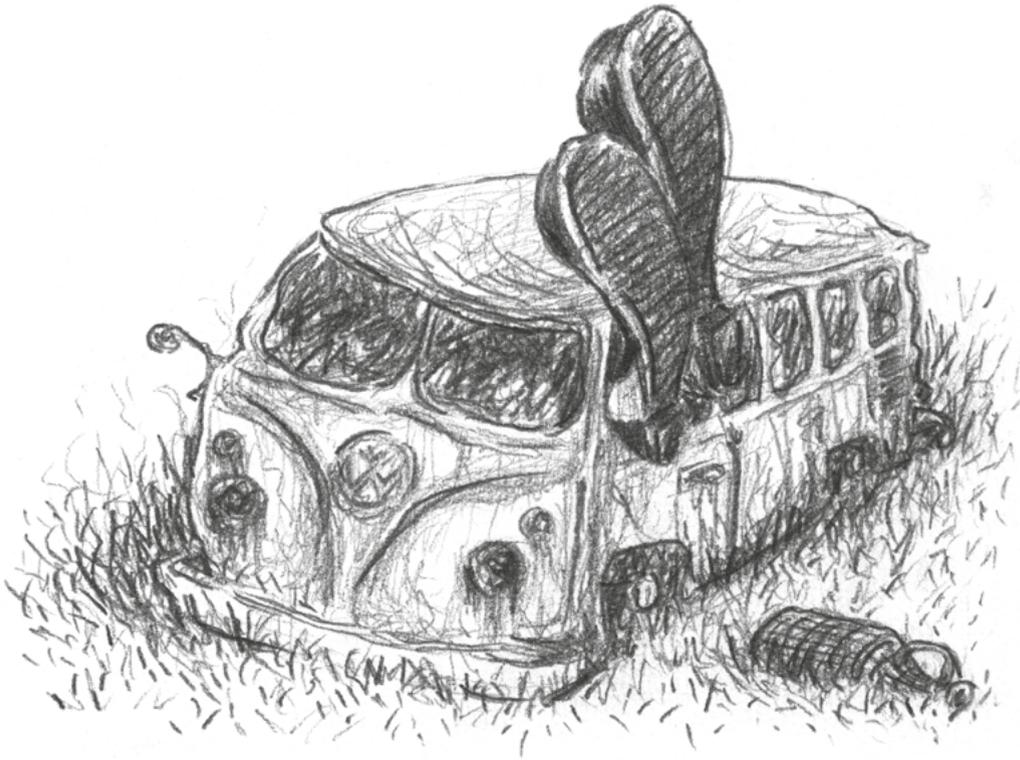
Quando Teco tirou a remela dos olhos e quis levantar, percebeu que estava acorrentado ao pé na cama. Nem deu tempo de chorar. Cachacinha disse:

– É o seguinte, seu nerdezinho mimado: daqui pra frente, você vai ser meu refém e vai fazer tudo o que eu mandar, tá ligado?

– Não faço, não! – protestou Teco.

O palhaço torceu a orelha de Teco, e disse:

– Se não fizer, eu arrebento você. Agora, vamos para a rodoviária.



* * * * *

Seguiram para Mairiporã. O palhaço Cachacinha tinha um amigo, que também era palhaço, cujo nome era Alambique e que morava num ferro-velho. Antigamente, formavam a dupla Cachacinha & Alambique.

Quando chegaram lá, Alambique estava dormindo dentro de uma Kombi velha:

– Levanta, vagabundo! Ô vagabundo, acorda! – gritou Cachacinha na orelha do outro palhaço.

Assustado, e depois de Cachacinha tê-lo sacudido, finalmente Alambique acordou. A kombi cheirava muito mal e Alambique ainda estava meio bêbado:

– Olha só o que eu trouxe pra você! – disse Cachacinha.

– O que é isso, Cachacinha?

Teco olhava para baixo e soluçava. Ainda na rodoviária, havia sofrido ameaças. Entre outras maldades, o palhaço Cachacinha esmagou o dedo mindinho de Teco na catraca do metrô e fez com que o menino lambesse o sabão do banheiro.

– O que você acha que é isso, seu imbecil?

O garoto tentou interromper e disse: Sou Te... – porém, antes de terminar a segunda sílaba, Cachacinha aplicou-lhe um cascudo na cabeça:

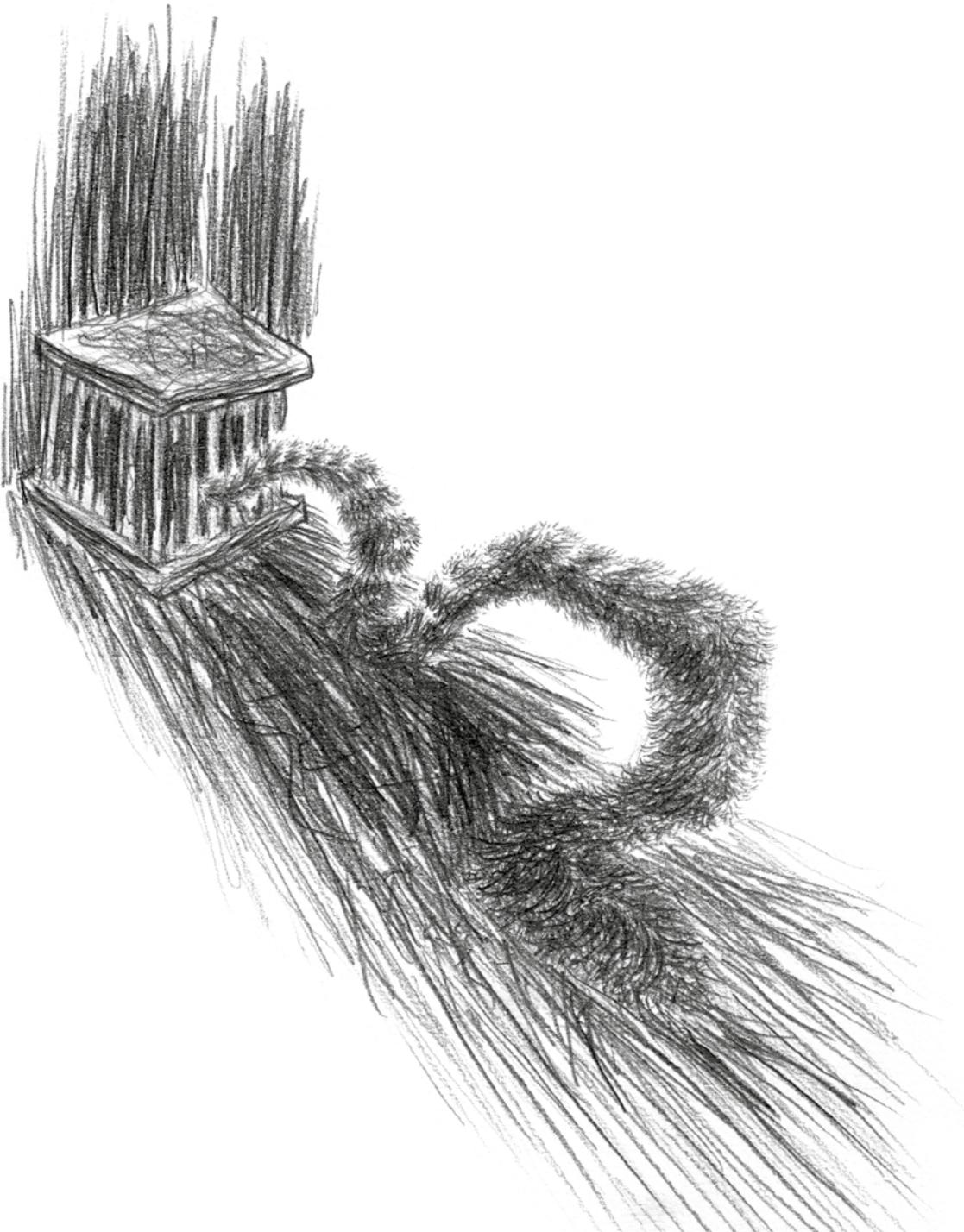
– Cala a boca – disse o Palhaço, imitando o garoto: Sou Teco, meu nome é Teco... Ou vai apanhar mais.

E continuou:

– Esse aqui, Alambique, é o Teco, o gênio da garrafa!

Alambique não estava entendendo nada. Olhou o garoto, apertou a barriga dele, e disse:

– E dá pra beber?



Sexta-feira.

Três horas da tarde.

A kombi da desesperança.

Cachacinha tinha um plano. A ideia era simples. Deixaria o garoto escondido na perua até que fosse a hora de ligar para os pais dele e pedir o resgate. Para aumentar o suspense – aquilo fazia parte do plano – deixou passar uma semana.

Os palhaços trancaram Teco num cubículo de ferros retorcidos e enferrujados. A jaula era de uma pequenez negra e úmida. Lá dentro, morava Nico, um sagui de seus vinte centímetros de altura, se não contássemos com o rabo, que vivia molhadinho. Nesse espaço mínimo, além de muito cocô e xixi, havia duas vasilhas, uma de água e outra de ração para gatos. Num canto da cela, Teco viu um amontoado de roupas estranhas e cabelos longos e desganhados. Parecia o corpo de alguém. Curioso mas com cautela, aproximou-se. Foi arrumando e esticando tudo: a coisa tinha um chapéu preto, uma cabeça que usava óculos escuros, tinha braços e pernas meio moles. Finalmente, Teco conseguiu desvendar o mistério: o amontoado era um boneco inflável do Máicol Jackson. Horrorizado, Teco olhou para o sagui, que lhe devolveu um riso cínico de cumplicidade. E só então percebeu

porque o bichinho vivia úmido. Era com aquilo que ele se divertia para burlar a solidão na jaula.

Enquanto isso, Cachacinha & Alambique passavam o tempo contando piadas e tomando pinga. Na segunda semana, ligaram para os pais do Teco.

Fizeram uma listinha de resgate: pediram um milhão de litros de pinga, dois sapatos de palhaço novinhos, uma bengala que fazia pum e gravatas de bicho da seda que não virassem borboletas. Também pediram dois i-pods e dois anões, um para servi-los de garçom e outro para fritar batatinhas. Pra fechar, pediram também 10 mil reais.

A mãe do Teco, porém, tinha gastado todo dinheiro com a festa dele, que estava marcada para dali a dois dias. E o pior: pagaram tudo no cartão de crédito, menos o show da garota Maísa – uma verdadeira fortuna – paga in cash, à vista.

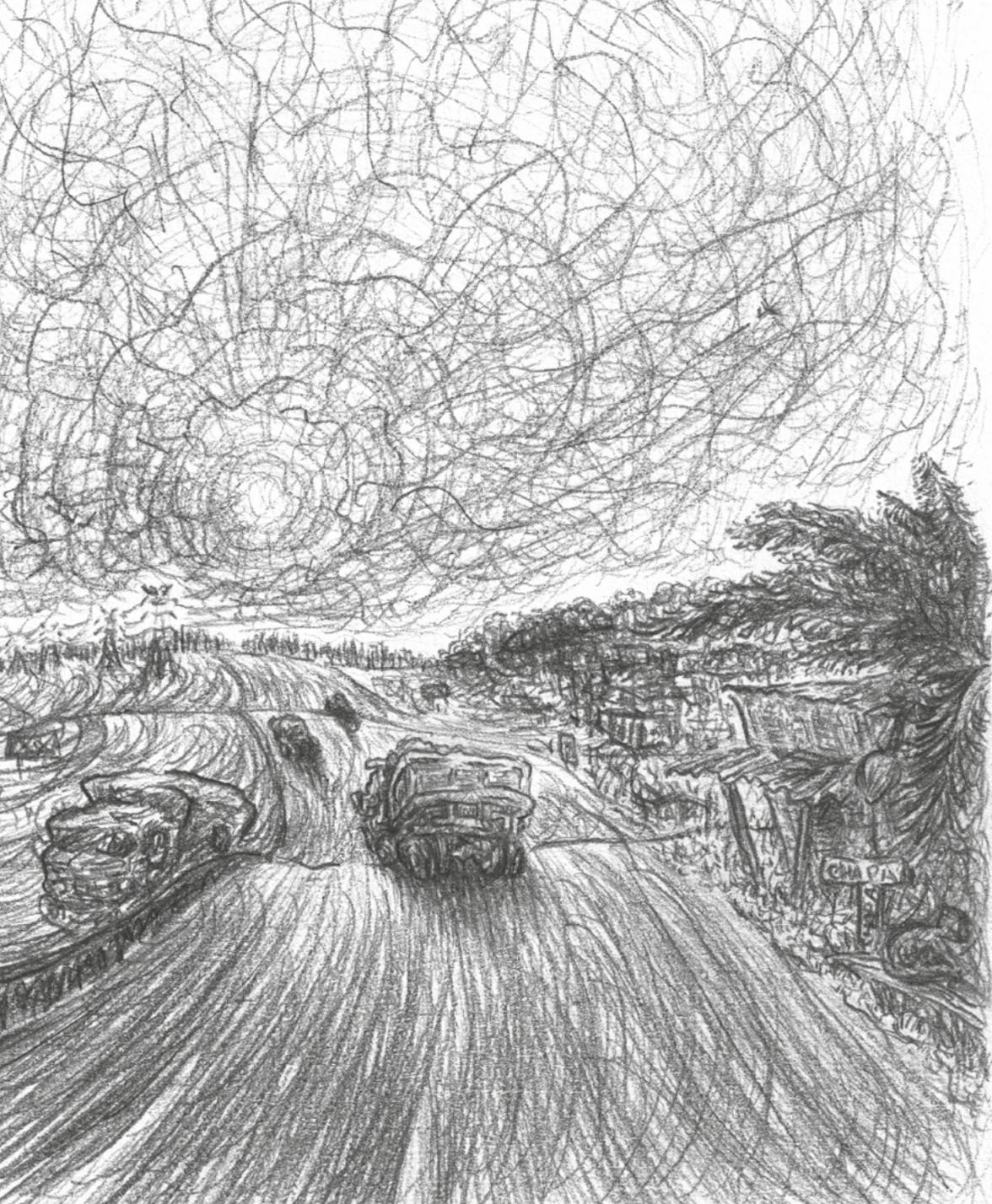


Resumindo: estavam quebrados, não tinham um centavo para pagar o resgate. Inclusive, o pai do Teco – chorando muito ao telefone – pediu um dinheirinho emprestado aos palhaços para ir de táxi até o ferro-velho, para pegar o garoto.

Alambique ficou com pena da família de Teco. E até quebrou seu porquinho para ver se conseguia algumas moedinhas para emprestar ao pai do garoto. Mas Cachacinha desconfiou que estavam sendo passados para trás. Enfurecido, brigou com Alambique e resolveu que ia cortar a orelha do Teco. Os pais que se virassem e arrumassem o dinheiro – foi o que decidiu Cachacinha.

O palhaço Alambique chorava lágrimas de esguicho. E acabou levando uma bengalada de Cachacinha para deixar de ser bobo. Ou os pais de Teco arrumavam o dinheiro em vinte e quatro horas, ou o garoto ia ficar sem as orelhas.





Três de agosto.

Domingo.

Na boleia da vida.

Ainda meio bêbado, por conta dos planos e da celebração do seqüestro, Cachacinha foi até a jaula de Teco. Não encontrou nem o garoto, nem o sagui e muito menos Máicol Jackson. Os dois haviam fugido. O desapontamento não podia ser maior.

– Merda! – disse ele –, aqueles dois safardanas levaram o taradinho do Máicol também! Tamos ferrados.

Sobrou para Alambique, que tomou muitos pés na bunda e bengaladas. Resolveram correr atrás do prejuízo.

Nessas alturas do campeonato, o garoto e o sagui já estavam bem longe. Tinham pegado carona na boleia de um caminhão na manhã daquele dia. Estavam, portanto, com algumas horas de vantagem. Mas tudo tem seu preço. O motorista só concordou em levá-los se o boneco fosse sentado na cabine, a seu lado. Nico ficou muito enciumado, mas concordou.

Na verdade, além do ciúme, Nico tinha outros defeitos (inclusive o hábito de enfiar o rabo nos lugares errados e de beber pinga vagabunda), mas era um sagui legal que, no final das contas, acabaria virando o único amigo em que Teco podia

realmente confiar.

– Pra onde vamos, Teco?

– Sei lá, Nico. Mas acho que essa estrada leva para São Paulo, olha lá as placas!

– Eu só sei ler de trás para frente. Foi assim que os palhaços me ensinaram – disse Nico.

– Eu também sei ler e escrever de trás pra frente!

– Oba!!! Vamos pra Oás OluaP!! – gritou o macaquinho.

– Quando o caminhão parar, a gente pula, Nico.

– Tô com frio – disse o macaquinho

– Eu também.

Curioso, Teco perguntou:

– Que apelido é esse, Nico? Vem de Tónico? Teu nome é Antônio?

– Na verdade – disse o sagui –, me chamo Nicolaiev Lermontov Românovitch. Nico é diminutivo.

– Você é russo? – perguntou Teco.

– Não. Eu herdei esse nomão do meu antigo treinador. Ele é que veio da Geórgia. Trouxe seu circo pra cá pro Brasil faz um tempão. Me adotou pra fazer micagens e acabei ficando.

A história de Nico era longa e triste. Fez sucesso durante alguns anos até que tudo começou a afundar. Seu infortúnio começou quando ele se apaixonou pela gostosa da trapezista, alvo das atenções de Cachacinha, que também trabalhava no circo e, na época, era jovem e bonito, mas um tremendo mau-caráter.

– O que aconteceu? – perguntou Teco.

– Ah, você sabe como são essas coisas. É difícil um sagui

baixinho e preto fazer sucesso com as mulheres. Mó preconceito. A vadia não me dava a menor bola e acabou se enroscando com o Cachacinha.

– E você sofreu muito?

– Comecei a beber – disse Nicolaiev. – Baixei no hospital com o baço estourado. Quando saí, voltei pro circo e flagrei a pulada de cerca da trapezista, que teve um caso com o engolidor de fogo. Como eu era a única testemunha da chifrada, por vingança, Cachacinha me raptou e me botou naquela gaiola da Kombi. Podem chamá-lo de palhaço o quanto quiserem, mas se o chamarem de corno ele fica louco. Daquela época até hoje de manhã, vivi como um escravo dele.

– E que negócio é esse do boneco? – perguntou Teco – Você comprou aonde?

– Ah, é coisa do meu treinador. Foi ele que construiu. Era um gênio. A gente tinha um número juntos no circo. Ele faz maravilhas. Um dia, você vai ver.

Então o macaquinho enfiou a mão no bolso e disse pro Teco:

– Olha só o que eu roubei dos palhaços!



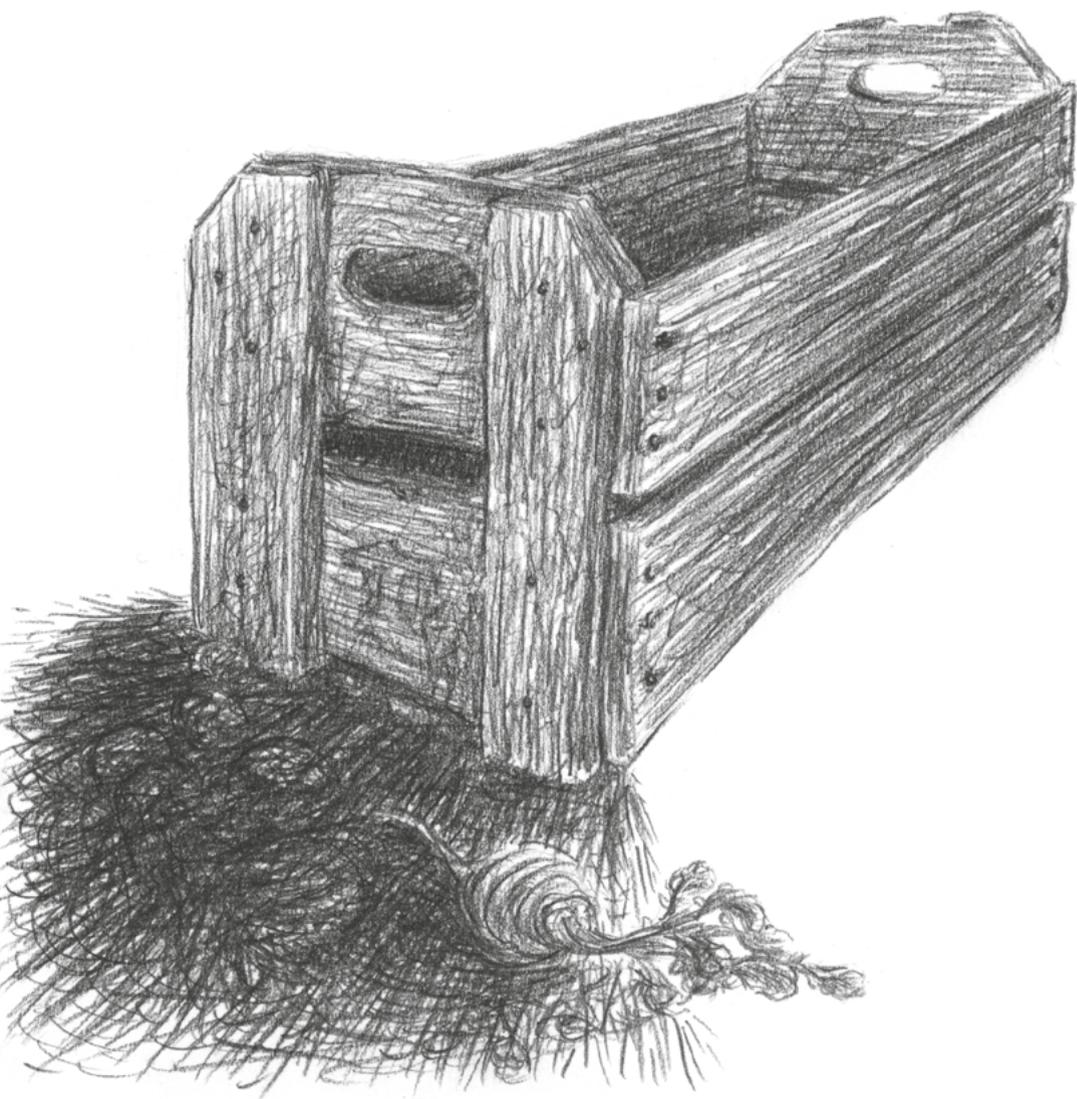
Nico tirou algumas bananas e uma garrafinha de pinga do bolso. Os dois comeram e beberam. Teco, que não gostava de pinga, tomou um gole para agradar o sagui, e dessa vez acabou gostando. Esquentou.

– Dá um tapa no beíço! – disse o macaquinho.

Os dois fizeram muitas micagens na boleia do caminhão. Cada vez que tomavam um gole de pinga, brincavam de dar tapas no beíço – para imitar os palhaços.

Mas Nico não tirava o olho da cabine. E ficou puto da vida quando flagrou o caminhoneiro olhando para Máicol Jackson com intenções francamente libidinosas. Desviou a atenção e viu placas na rodovia. Teco estava certo: em pouco tempo, chegariam a São Paulo.





Ainda três de agosto.

Ainda domingo.

Rap na periferia.

Teco e Nico saltaram da boleia logo que o caminhão parou. Resgataram o boneco e o desinflaram rapidamente, guardando o velho Macca no bolso. O lugar era cheio de gente falando alto, caixas com verduras e engradados com galinhas e marrecos. Muita correria pra lá e pra cá. Eles estavam com fome, um pouco bêbados e assustados. Num instante, Teco pensou em ligar para a casa dos pais, mas aí lembrou que não gostava de aniversários e que teria de voltar à escola. Também teria de tomar banho e escovar os dentes. Deixou pra lá.

Achou melhor procurar um lugar para se abrigar. Enquanto isso, o sagui foi atrás de alguma coisa para encher a pança. Apareceu com dois pasteis e algumas frutas. Logo atrás, vinham os seguranças do Ceasa. Com os olhos, Teco deu o alarme para Nico, que entendeu o perigo no ato. Era hora de começar o show. O sagui tirou Máicol do bolso e começou a assoprar no furinho do umbigo. O boneco logo ficou de pé. Do outro bolso, ele tirou e começou a manejar o controle remoto.

Espantados, os seguranças viram o branquelo dar seus

passinhos para trás e rodopiar feito uma bicha enlouquecida. O dono de uma barraca ligou o radinho e rolou o maior rap chuleira. Máicol pulava, dançava e mexia os braços sincronizadamente. Começou a juntar gente. Alguns batiam palmas, outros cantavam. Os seguranças riam sem parar. Teco passou o chapéu. Choveram moedas e deu uma grana legal. Tinha até notas de dez paus. Aquilo durou uns vinte minutos. Quando acabou, Teco e Nico agradeceram os aplausos, recolheram a dinheirama e foram comer uma deliciosa sopa de cebolas, especialidade gastronômica do lugar.



Teco disse:

– Irado, cara!

– Não falei? – obtemperou o sagui –, o velho Macca é pau pra toda obra. Um boneco de cama e mesa, fonte de grana. Não desgrudo dele um minuto.

Com a simpatia dos seguranças, dormiram por lá mesmo, debaixo de caixas de verduras e frutas. Um cheiro horrível, mas era essa a parte que lhes cabia daquele latifúndio.

Cinco horas da tarde.

Por falar em Cachacinha...



Ele e Alambique preparavam um plano para achar Teco e Nico. Segundo os palhaços, não seria tão difícil botar as mãos nos fujões: bastava seguir a trilha das cascas de banana. E assim fizeram. Também pegaram uma carona na rodovia Fernão Dias. Tomaram muitas pingas e tramaram planos para quando encontrassem o menino e o sagui.

– Alambique, vamos deixar o menino amarrado de cabeça para baixo.

– Não, Cachacinha. Já sei! Vamos vestir uma roupa de bailarina no macaco e fazê-lo dançar na Praça da Sé para ganharmos uns troquinhos...

– Isso mesmo! Também podemos fazer o macaco latir e o menino vai passar o chapéu pra pegar o dinheiro!

– Oba! Enquanto isso, a gente enche a cara de pinga!

E assim, fazendo palhaçadas e enchendo a cara de cana, seguiram a trilha das cascas de banana... Logo, chegariam em São Paulo.



Dia perdido no tempo.

Hora desconhecida.

No Babelão.

Teco & Nico encontraram um grupo de garotos. Mané, Guinza e Nóia. Eram filhos de ninguém. Tinham nascido e crescido na malandragem das ruas. Os três cheiravam cola, fumavam crack e formavam uma gangue que assaltava estacionamentos de supermercados. Um relógio aqui, um celular ali.

Durante o dia, eles se enrolavam em cobertores imundos e dormiam debaixo de marquises. Acordavam lá pelas sete da noite. De madrugada, davam um rolê pela cidade: reviravam latas de lixo, pediam esmolas e roubavam as pessoas que saíam das lojas de conveniências. O Nóia, que era o mais viciado de todos, nem conseguia falar direito. Vivia zoadado. Guinza, que era o mais fraquinho, fazia programas de um real com os mendigos. Nesses dias, imitava meninas e brincava com os outros garotos de ser travesti, dizia que queria ser a Ronaldinha quando crescesse. Fazendo jus ao nome, Mané vivia sendo sacaneado por todos.

Quando a cabeça funcionava, fizesse sol ou chuva, também dormiam na saída de ar do metrô. Era quentinho. O barulho que vinha lá de baixo, junto com o marulhar do vento

que soprava com constância, deixava os garotos calmos. Era como se ainda fossem crianças, como se alguém os embalasse. Por isso, amontoavam-se uns sobre os outros – viravam almôndegas de gente. E assim viajavam juntos prum lugar diferente. Longe do chão.

Desta forma, protegiam-se dos mendigos mais violentos e da polícia. A saída de ar do metrô os ninava e contava histórias malucas. Era a mãe desaparecida de todos. Meninos almôndegas. O pé de um na orelha do outro. Mó útero.



Mais por afinidade do que por pena, Teco & Nico afeiçãoaram-se a eles. E encontraram uma solução para a moradia. Perto da Cracolândia, havia um prédio em construção abandonado, que tinha sido invadido por famílias de todas as partes do Brasil. Cearenses, alagoanos, pernambucanos, baianos. Tinha até gente de fora, uns uruguaios e uns bolivianos. Por isso, era chamado de Babelão. Cada qual num quase cômodo. Cada um falando de um jeito diferente. Mas havia regras: só famílias tinham direito a tomar posse. Teco & Nico e a gangue quebraram essas regras, armaram o maior fuzuê, brigaram, distribuíram porradas & botaram pra fuder, até que conseguiram um lugar minúsculo no porão do prédio.

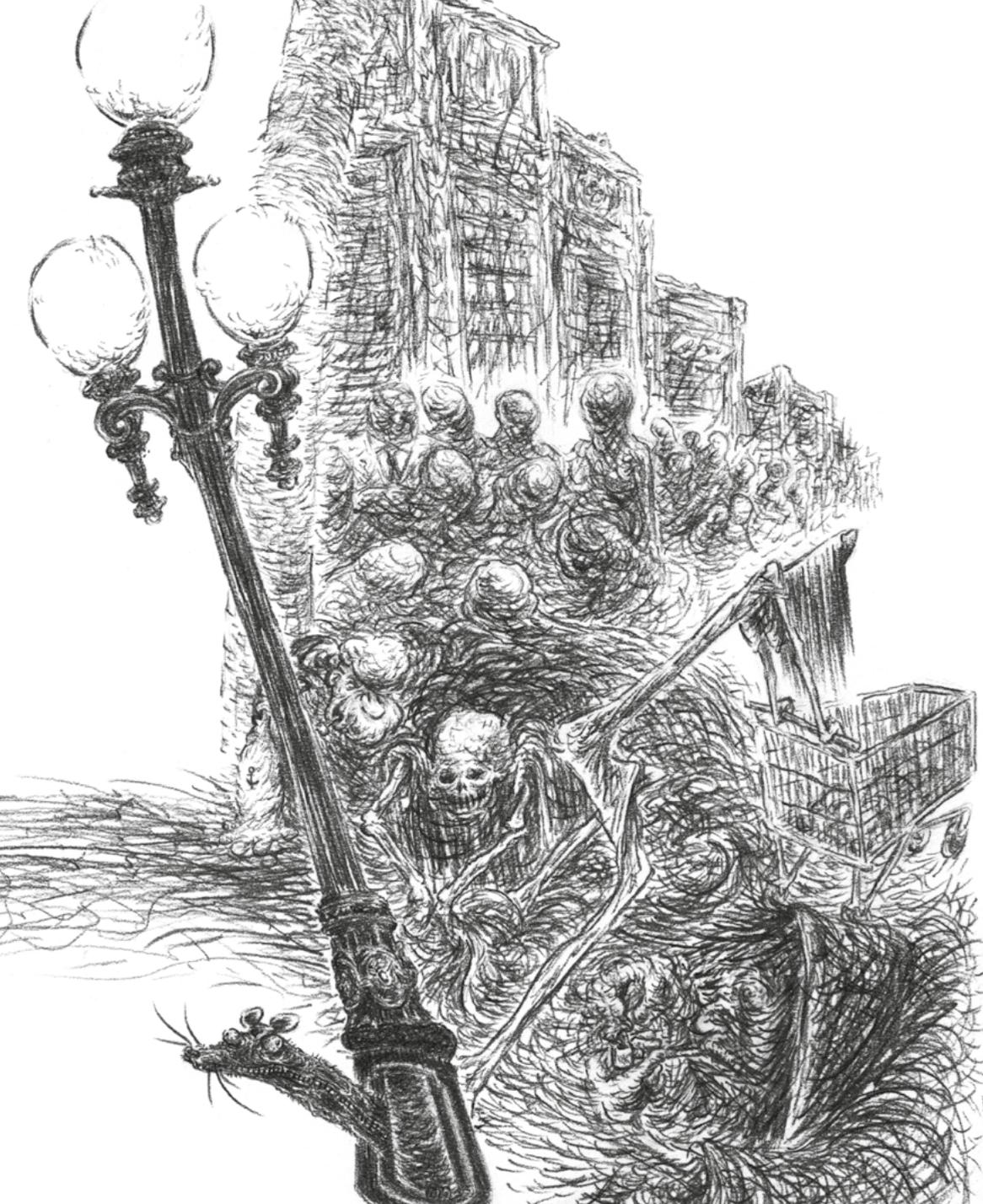
Não era nenhum palacete, mas quebrava o galho. Colchonetes imundos, restos de comida pelos cantos, goteiras, baratas miúdas e graúdas, umidade rolando solta. Mas tinham um teto. Às vezes, Teco lembrava de sua mãe. Mas sua memória era toda atrapalhada. A lembrança era algo confuso, e ele não sabia direito porque estava ali naquele lugar, e porque lembrava de uma

coisa que não entendia direito o que significava. Sabia que tinha uma casa, um pai e uma mãe, mas não sabia o nome deles, nem lembrava mais onde moravam e se ainda estavam vivos. Quantos anos tinha Teco? Às vezes, ele se confundia até nisso. Dez? Doze? Quinze? Quanto tempo havia passado desde que saíra de casa?

* * * * *

Fazia uns dez dias que Cachacinha e Alambique, seguindo a trilha das bananas, haviam chegado à Estação da Luz, que fica perto da Cracolândia e do Babelão, onde agora moravam Nico e Teco.





Anos de chumbo.

Muitas nuvens.

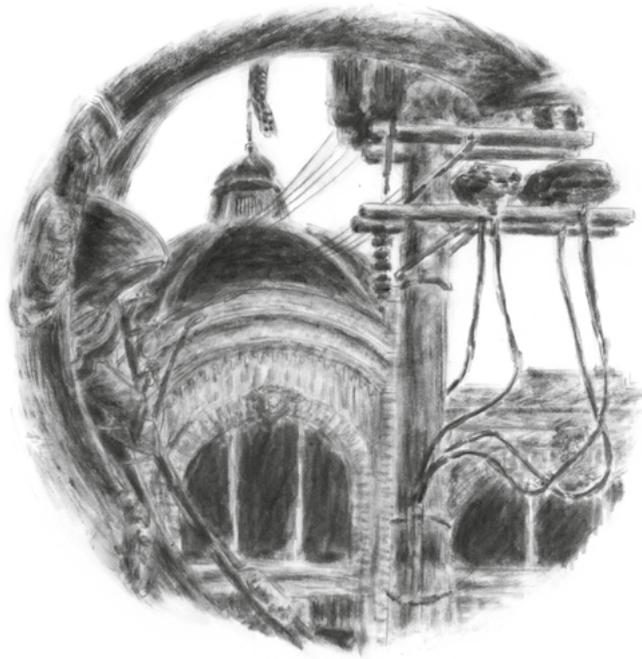
Uma luz no fim do túnel.

O que, para os palhaços, era uma trilha de cascas de bananas acabou virando uma omelete de ranho com bitucas de cigarro. Alambique e Cachacinha não sabiam para onde ir. Baita confusão. Era muita sujeira, gente desmaiada nas calçadas, muitos mendigos, meninas grávidas pedindo esmolas e fumando crack.

Alambique foi assaltado e Cachacinha não podia nem pensar em voltar à sua quitinete no largo Paissandu porque devia oito meses de aluguel.

Sem dinheiro no bolso, a única solução foi fazer graça para ganhar um troco. Fizeram umas palhaçadas. Porém, aquele lugar era muito triste, e ninguém riu do número deles. Seguiram para a rua da Cantareira.

No Mercado Municipal, arrumaram trabalho. Tiveram que dar um duro danado. Além das cambalhotas e pontapés no traseiro, os palhaços carregavam e descarregavam caminhões de verdura que chegavam a toda hora. O pouco dinheiro que ganhavam, era torrado em caça-níqueis clandestinos, muita pinga e sanduíches de mortadela.



Cansado dessa vida besta, Cachacinha decretou:

– A gente precisa encontrar o Teco. É o único jeito de sair do buraco. Esse pessoal da alta choramanga, mas sempre dá um jeito de pagar o resgate.

Resgate! Resgate! – repetiu Alambique.

Uma noite, completamente estourados, coluna na miséria & pés inchados, praguejavam nas imediações da rua Paula Souza – região dos atacadistas – quando deram de cara com um cartazete colado num tapume:

MADAME BOROWSKA.

TRAGO SEU ENTE AMADO EM TRÊS DIAS.

PREÇOS PROMOCIONAIS.

SÓ ATÉ SÁBADO.

Pim! Bateu. Alambique começou a dançar. Cachacinha não entendeu.

– Cara, é o seguinte – disse Alambique –, a gente vai disfarçado de casal...

– Que é isso, cumpadi - protestou Cachacinha –, eu sou espada!

– Deixa eu explicar: um pai e uma mãe procurando o filho desaparecido. Não é genial?

O plano era ótimo. Até o estúpido do Cachacinha teve que admitir.

No dia seguinte, pela manhã – depois de passar a noite debaixo de uma marquise úmida e fedida – logo ao acordar, Cachacinha deparou com uma loira que era muito gostosa. Esfregou os olhos e quase não acreditou no que viu e ouviu:

– Não estou linda?

Era Alambique usando uma peruca de cachinhos amarelos e um vestido de tule vermelho. Foram para o endereço do cartaz.

– Me dá o braço! – disse Alambique.

– ÊÊÊÊ!

Bateram na porta. Uma vozeirão rouco e grave veio de lá de dentro:

– Quem é?

– Não vai dar certo – disse Cachacinha.

– Por quê?

– Porra, uma vidente que não sabe quem está batendo?

– Somos um casal triste à procura de nosso filho desaparecido – disse Alambique, imitando voz de mulher.

– Puede entrar.

Era um aposento escuro com decoração meio indiana que fedia a pizza estragada e cânfora. Madame Borowska usava um turbante azul, tinha oito colares em volta do pescoço e estava sentada a uma mesinha redonda com uma bola de cristal em cima.

– Sientem-se, pueden sentar-se – ela disse. – Do que se trata?

Alambique apertou a bombinha do esguicho de lágrimas e disse:

– Nosso filho desapareceu.

A vidente se preparou, arrevirou os olhos, falou umas coisas sem sentido e chamou a assistente:

– Melissa! Me traiga uma Cueca Cuela!

A menina, de seus treze anos, foi e voltou com o refrigerante.

– Ustedes también quieren?

– Queremos pinga! – disseram em uníssonos, Alambique e Cachacinha.

– Aqui nó és macumba – protestou a gringa, ofendida com a ignorância dos palhaços.

Madame Borowska tomou um golão e perguntou:

– Como és el nombre del pibe?

– Teco. Um menino lindo de olhos verdes – disse Alambique.

– Por supuesto. Bamos ber! – ela disse, colocando as mãos em concha em volta da bola, que se acendeu no ato. Um nuvens



muito estranhas apareceram dentro do vidro.

– Consigo ber um lindo muchacho de ojos verdes que perambula pelas calles perdido, perdido. Está sufriendo mucho.

– É ele – disse Alambique, esguichando mais água.

– Onde é que ele tá? – perguntou Cachacinha, já de saco cheio daquela pantomima chumbrega.

– Epere, epere um momento, nó és así. Consigo bê-lo entrando en un quarto azul. Hai también una madame de la alta sociedad.

– Ih, caralho, o fedelho voltou pra casa dos pais – praguejou Cachacinha.

– Nó – disse Madame Borowska –, nós és su madre. Fué adoptado.

– Por quem? Por quem? – gritou Cachacinha, furioso.

– Nó sé – ela disse. – Esto és el futuro. Mi bola de cristal solamente consigue ber lo que se pasará.

– E como é nome dessa vadia?

– Nó sé. Es de una Ong.

– De onde?

– De la Vila Magdalena. És uma buena muchacha. Pero un poco machorra.

Até Cachacinha ficou satisfeito com o serviço. Alambique esguichou mais um pouco e se levantou.

– Son docientos reales – ela disse, dando por encerrada a sessão.

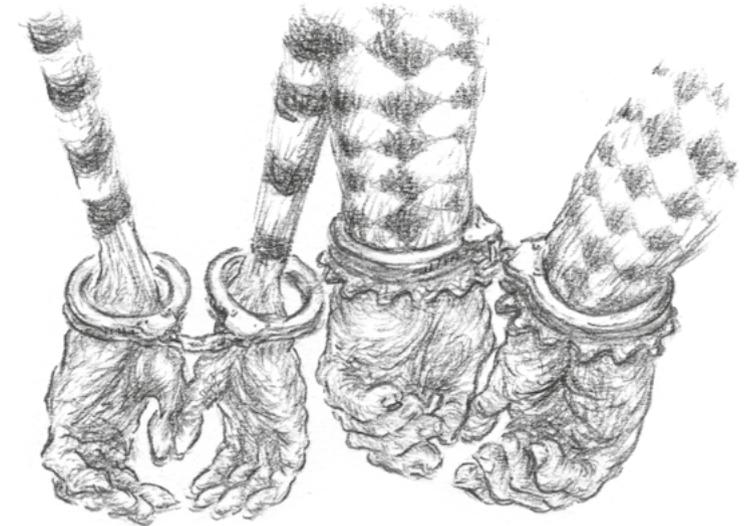
Ao que Madame Borowska tomou uma chapuletada nas ventas, estatelando-se no chão, junto com a bola de cristal, o

turbante e os oito colares.

Já na rua, ambos se entreolharam e Cachacinha disse:

– E agora? Que porra que a gente vai fazer com essas informações? Procurar no futuro? Como é isso?

O futuro, no entanto, lhes reservava um destino bem mais sombrio. Depois de procurar bastante por Teco, não teve jeito, se meteram em inúmeras roubadas e terminaram presos. Puxaram três anos. Na penitenciária, ficaram sabendo de uma Ong de madames que cuidava de infratores que tivessem tido (antes de serem condenados) alguma ocupação no mundo do entretenimento & cultura. Escritores, palhaços, designers, ex-catedráticos pedófilos, DJs e pagodeiros. Diziam que as peruas monitoravam cada caso e ainda davam suporte jurídico. Os favoritos das madames eram os palhaços e os escritores. Quando soltos, teriam uma atividade honesta e emprego garantido. Fizeram a ligação com as informações de Madame Borowska e não pensaram duas vezes: se inscreveram no ato. Afinal, já estavam no futuro.



Novembro.

Dia cinza.

O amor nos tempos da gripe suína.



Um dia, no moquifo do Babelão, Nico ficou doente. Teve febre alta e começou a delirar. Preocupado, Teco foi falar com o japonês da farmácia e deixou-o sozinho. O sagui suava feio, estava todo lambuzado. Via vultos, sorria sem o menor motivo, se mijava todo. Pra falar a verdade, tinha até saudades da jaula dos palhaços. Ali, pelo menos, recebia comida. De gato, mas recebia. Enquanto Teco negociava com o farmacêutico umas ampolas de salisilato de metil-glicose, o sagui estourava de dores de cabeça e desvairava abertamente.

No Babelão, havia uma velha vesga e sem dentes que andava pelos corredores com os cabelos e os peitões arrastados até o chão. Era chamada de A Trapezista Louca, pois, em seus raros momentos de lucidez, contava que tinha sido essa sua profissão num circo há muito tempo. Todos riam. Faziam chacota. Foi ela que ouviu os gemidos de Nico. Curiosa, desceu as últimas escadas do prédio e entrou no porão. Desviando de alguns ratos, ela viu o sagui. Sua vida passou diante dos olhos como um filme do Zé do Caixão. O destino lhe pregava peças. E disse:

– Nicolaiev, é você? É você, Nicolaiev?

O macaquinho abriu os olhos e viu a mais linda mulher que conhecera em toda a sua vida. Pouco importava a realidade, pouco importava a passagem do tempo, os cabelos desgrehados e longos, as rugas, as varizes que mapeavam suas pernas como um mapa da Albânia. Como se sabe, o amor não tem tempo, nem hora, nem lugar.

– Sim, sou eu, Waldirene! – gaguejou o sagui. – Você me reconhece?

– Claro, meu amor, toda a minha vida pensei em como seria se nos encontrássemos novamente e na proposta que você me fez da última vez em que nos vimos! Agora, eu estou aqui!

Em seu delírio, o sagui e Waldirene trocaram novas juras de amor e fizeram planos. Casariam e passariam a lua de mel na Argentina. E assim aconteceu. Dançaram tango nas casas especializadas da calle Corrientes, comeram parrilladas com chorizos e bifés de lomo e visitaram a feira de antiguidades de Santelmo. Praguejaram os macaquitos brasileiros (pois Nico era de outra estirpe) e passaram duas semanas no maior love.

Quando Teco voltou, trazendo as ampolas e o farmacêutico a tira colo, Nico estava com o maior sorriso besta na cara. Mediram a temperatura e o japonês deu o diagnóstico no ato.



– É gripe suína! Batata! Tem pouco tempo de vida. Está condenado. Por acaso, ele viajou pra Argentina ou Uruguai nos últimos tempos?

Antes que Teco tivesse a chance de negar, o sagui estendeu-lhe uma caixinha de manicure.

– O que é isso, Nico?

– É o boneco do Máicol. Fique com ele.

Teco enterneceu-se e disse:

– Não posso aceitar, Nico, é o que você tem de mais valor na vida.

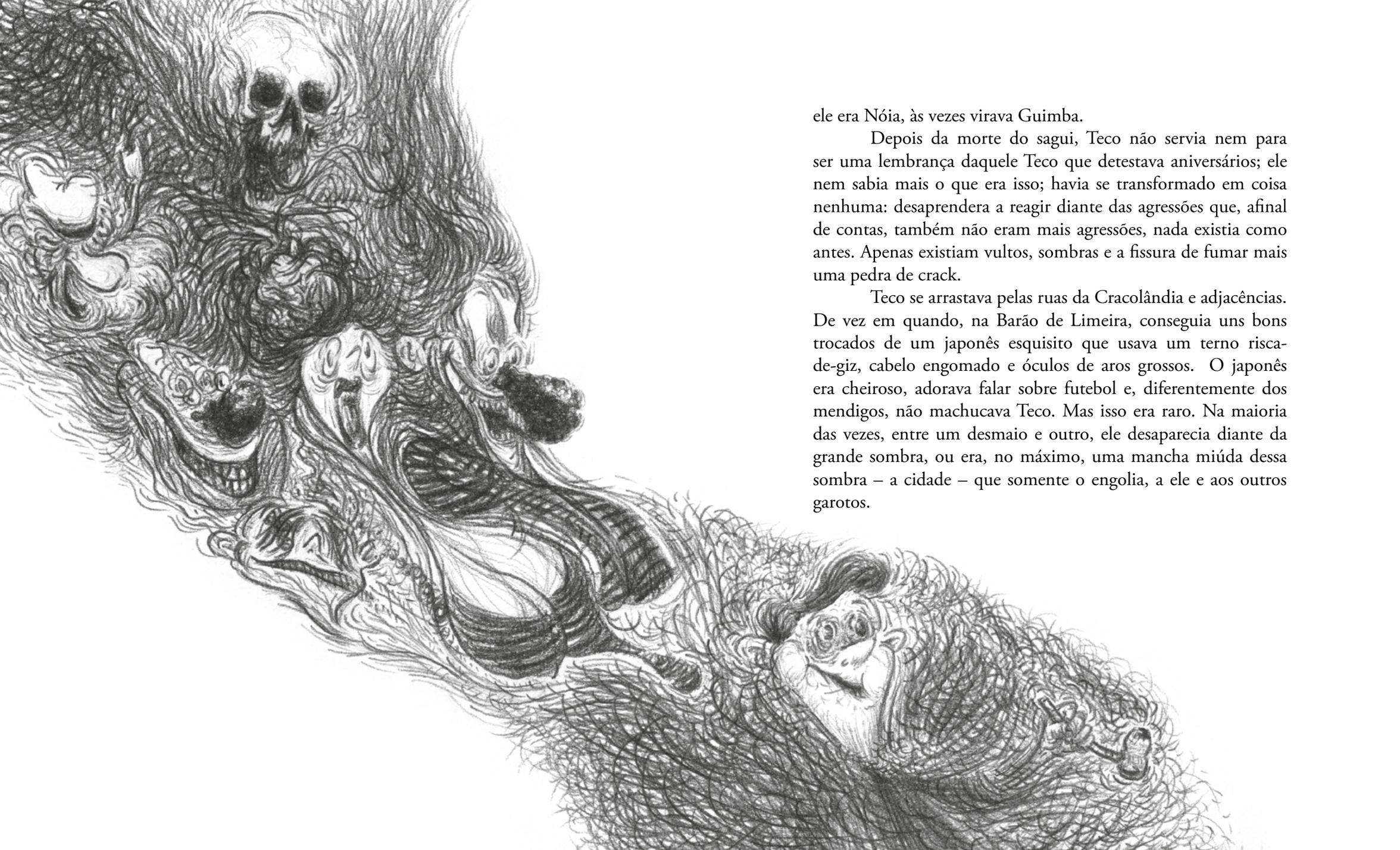
– Minha vida já não me pertence – disse o sagui, estrebuchando –, divirta-se com o Máicol como eu me diverti.

Deu um suspiro e morreu. Foi seu último ato de amor e amizade. O primeiro sagui a morrer de gripe suína. Nicolaiev Lermontov Românovitch saía da vida para entrar na História.

* * * * *

O tempo foi passando. E uns mendigos novatos ameaçavam a liderança dos garotos no Babelão. Às vezes passavam semanas nas saídas de ar do metrô, juntavam-se a outros garotos e mais outros que pipocavam dos bueiros como se fossem filhotes de ratazanas. Então, se chapavam, assaltavam mendigos ou se prostituíam, e, às vezes, eram presos e apanhavam dos guardas municipais.

Teco tinha perdido Nico, seu melhor amigo e, agora, não tinha mais uma turma. Nem era líder de coisa alguma. Às vezes,



ele era Nóia, às vezes virava Guimba.

Depois da morte do sagui, Teco não servia nem para ser uma lembrança daquele Teco que detestava aniversários; ele nem sabia mais o que era isso; havia se transformado em coisa nenhuma: desaprendera a reagir diante das agressões que, afinal de contas, também não eram mais agressões, nada existia como antes. Apenas existiam vultos, sombras e a fissura de fumar mais uma pedra de crack.

Teco se arrastava pelas ruas da Cracolândia e adjacências. De vez em quando, na Barão de Limeira, conseguia uns bons trocados de um japonês esquisito que usava um terno riscado-giz, cabelo engomado e óculos de aros grossos. O japonês era cheiroso, adorava falar sobre futebol e, diferentemente dos mendigos, não machucava Teco. Mas isso era raro. Na maioria das vezes, entre um desmaio e outro, ele desaparecia diante da grande sombra, ou era, no máximo, uma mancha miúda dessa sombra – a cidade – que somente o engolia, a ele e aos outros garotos.



Dezembro.

O milagre do Natal.

Às vésperas do Natal, a rua Santa Ifigênia vira um formigueiro. A diferença de preços da Sta. Ifigênia para os outros lugares sempre foi gritante. Todo mundo vai praquêle lugar. Muita muamba e pirataria. Papais Noéis de todos os feitios e arrebites – magros, gordos, amarelos, verdes, aidéticos – circulavam suados pelas calçadas estreitas. Camelôs vendiam mercadorias sem nota fiscal, uma festa para chineses mafiosos e coreanos picaretas e, sobretudo, uma festa para sacoleiros em geral que chegavam de todos os lugares do Brasil, dos países vizinhos e até da Vila Madalena.

Teco estava lá no meio da balbúrdia, mais formiguinha e almôndega do que nunca. Tinha descolado uns salgadinhos – coxinhas e esfihas – e uns trocados que lhe garantiriam a chapação para agüentar mais um dia no inferno das ruas.

Seguia na direção da Galeria do Rock, onde se localizava a boca de fumo mais próxima. Andava em zigzague, quase um fantasmilha.

Nesse embalo – sem querer –, esbarrou numa daquelas

madames da Vila Madalena, cheia de compras. A mulher levou um grande susto, não menor que o susto de Teco. Ambos se olharam. E aí aconteceu uma coisa extraordinária, muito provavelmente embalada pelo espírito natalino: embora na fissura, como ato reflexo, Teco ajudou a mulher a recolher as compras, e se ofereceu para carregá-las.



No caminho do estacionamento, Maria Luisa – ou Mme. Malu, como era conhecida nos saraus e nas sociedades filantrópicas e beneficentes – teve uma crise de choro, e convidou Teco para acompanhá-la até seu apartamento. Completamente chapado, Teco concordou. Não tinha nada a perder. Para tentar quebrar o gelo, ela perguntou ao menino:

– Como é seu nome?

A resposta foi desconcertante. Ele disse, meio engasgado:

– Aí, depende.

Logo que entrou no carro, apagou e Malu seguiu na direção da avenida Ipiranga.

Ela dirigia e chorava muito. Virou à direita, logo depois do travesti barbudo que vendia chicletes no farol do Redondo, e subiu a Consolação até alcançar a Dr. Arnaldo. Teve mais uma crise de choro para, logo em seguida, virar à esquerda e descer a rua Cardeal Arcoverde. Umas quatro esquinas e (por conta do engarrafamento) uma hora e meia depois, Teco acordou no seu quarto azul novinho em folha.



Casa nova.

Vida nova.

Depois de um banho que durou quase três dias, Teco ganhou roupas novas e também o acompanhamento psicológico de Débora, namorada e sócia de Malu no Colégio Pé de Moleque.

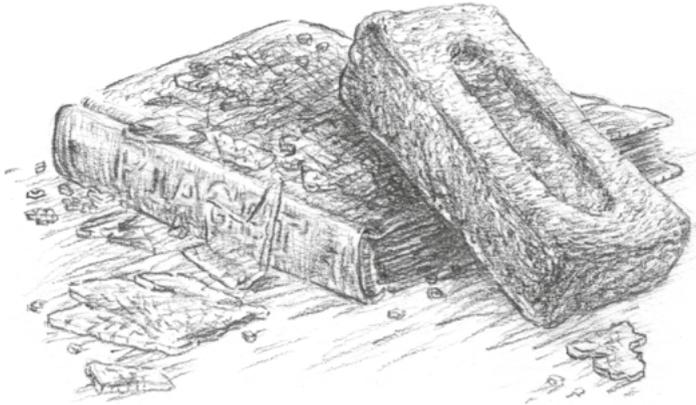
As duas, Malu e Débora, estavam falidas – haviam perdido metade dos alunos devido à crise econômica –, mas insistiam na mensalidade de 1,2 mil reais, porque acreditavam na qualidade da educação que ofereciam. Isto queria dizer que acreditavam em Maria Montessori e na Vovó da Casa do Pão de Queijo. Porém essa é outra história.

O que mais fascina na velha terra da garoa é que, quanto mais as pessoas estão falidas, mais elas aparecem em colunas sociais, frequentam festas da alta sociedade, vão a recitais do José Miguel Wisnik e dão pinta nas revistas dos ricos & famosos. Fotos, depoimentos, entrevistas. Ainda mais no caso delas, que eram um casal francamente assumido. Adotar um menino de rua era um plus na escala social e mais um chamariz para os jornalistas e paparazzis.

Um dia, apareceu no apê delas um fotógrafo da revista

Caras, que insistiu para que Malu e Débora aparecessem abraçadas com o moleque. No fundo, um lindo quadro do Volpi dava o tom da casa e fechava o espírito da coisa.

Resumindo a conversa: Malu conseguiu a guarda provisória de Teco, e assinou um papel perante o juiz de menores que falava em “ressocialização”. O papel também falava de um tal doutor Piaget que, junto com a dona Montessori, a Vovó da Casa do Pão de Queijo e o Içami Tiba, iam ajudar a dar um jeito no Teco.



Malu e Débora tiveram muitas dificuldades nos meses que se seguiram. Não foi nada fácil “limpar” Teco das ruas. A verdade é que o garoto era um tranqueira. Teco aprontou várias merdas que não combinavam com os ensinamentos do dr. Piaget e da dona Montessori. Nem com os préstimos da Vovó da Casa do Pão de Queijo... E muito menos com a vidinha besta dos outros alunos do Pé de Moleque.

Nesse período, ele estourou um Fiat Palio no pátio do estacionamento da escolinha. Só depois de uma semana é que acharam o carro num desmanche da Imigrantes. Também sumiram um brinco e uma correntinha de ouro, um laptop, e vários tabletes de maconha que Débora guardava no fundo do guarda-roupa. Elas chamavam isso de recaídas. E “negociavam” com o garoto, sempre.

De certa forma – e apesar dos pesares –, a balança pendia favoravelmente pro lado da Malu. Ainda que Teco ameaçasse a todo instante o cumprimento do cronograma de “ressocialização” estabelecido pelo juiz de menores.

Às vezes a chapa esquentava feio pro lado da Malu e da Débora. E elas tinham de “negociar” em bases cada vez mais comprometedoras. No final das contas, Teco “ganhou” um salvo-conduto para “interagir com a cidade” uma vez por semana.

Não foi nada fácil. Além da chantagem explícita, rolou uma luxação no cotovelo da Débora, e uma negociação complicada com um tal de Baiano, amigo do Teco das antigas, que passou a fornecer os “remedinhos” e os “calmantes” para Malu, Débora e a Vovó da Casa do Pão de Queijo. Foi nessa época que “Teco, o queridinho” pintou sua primeira aquarela. “Tudo é troca”, dizia Malu.



O rito de passagem.

Teco trocara as saídas de ar do metrô e o Babelão por um quarto azul na rua Wizard, perto da empanada do Chileno, e aquilo já estava lhe dando no saco. Embora com casa, comida e roupa lavada, o preço era alto. Começava a achar que tinha entrado noutra furada.

Malu atinou que, para o completo “restabelecimento” e “ressocialização” do garoto, só faltava uma coisa. Conversou com Débora, que foi favorável à ideia. A integração social precisa de eventos especiais. O cidadão tem necessidade disso. Só dessa maneira é que ele consegue se sentir parte de uma comunidade. Como é que Débora, sempre tão atenada, podia ter se esquecido disso?

Na surdina, elas começaram os preparativos.

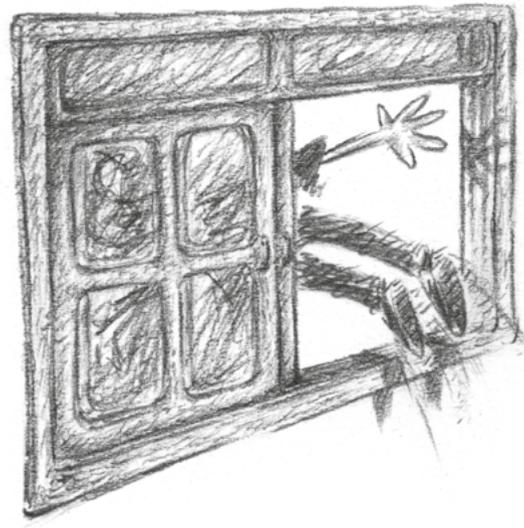
Naquele dia, Teco acordou de mau humor no seu quarto azul. Tirou a remela dos olhos e ouviu um zum-zum estranho na sala e no resto do apartamento. Ficou de butuca. Alguma coisa estava acontecendo. Depois de mijar, saiu do banheiro e foi saudado por muitos “Vivas” e “Parabéns a você”. Uma música da

Sandy tocava alto no aparelho de som.

Era uma festa surpresa. Malu & Débora tinham contratado um bufê para comemorar o aniversário do Teco, que devia estar fazendo mais ou menos onze anos de idade. Ou seriam doze? Ou quatorze? Bem, não importava; de qualquer forma, aquele era um “evento” simbólico, não precisava necessariamente da precisão cronológica. Era um rito de passagem.

Muitos brinquedos, músicas e correria. Centenas de balões coloridos, doces, bolo prestígio, brigadeiro e balas de coco. Aventuras surpresas.

Malu & Débora tinham contratado os Power Rangers, o Wolverine e uma dupla de palhaços ex-presidiários (coisa de uma Ong dos amigos da Malu) que interagia com crianças e fazia muito sucesso nos condomínios de Alphaville IV.



Não esqueceram nem mesmo da Mônica e Cebolinha (na fase adolescente), e reuniram os garotos da APAE, que cantaram o Hino do Sorvete na Testa, seu grande hit do momento. Tias gordonas apertavam bochechas e diziam “Que gracinha, não é mesmo?”

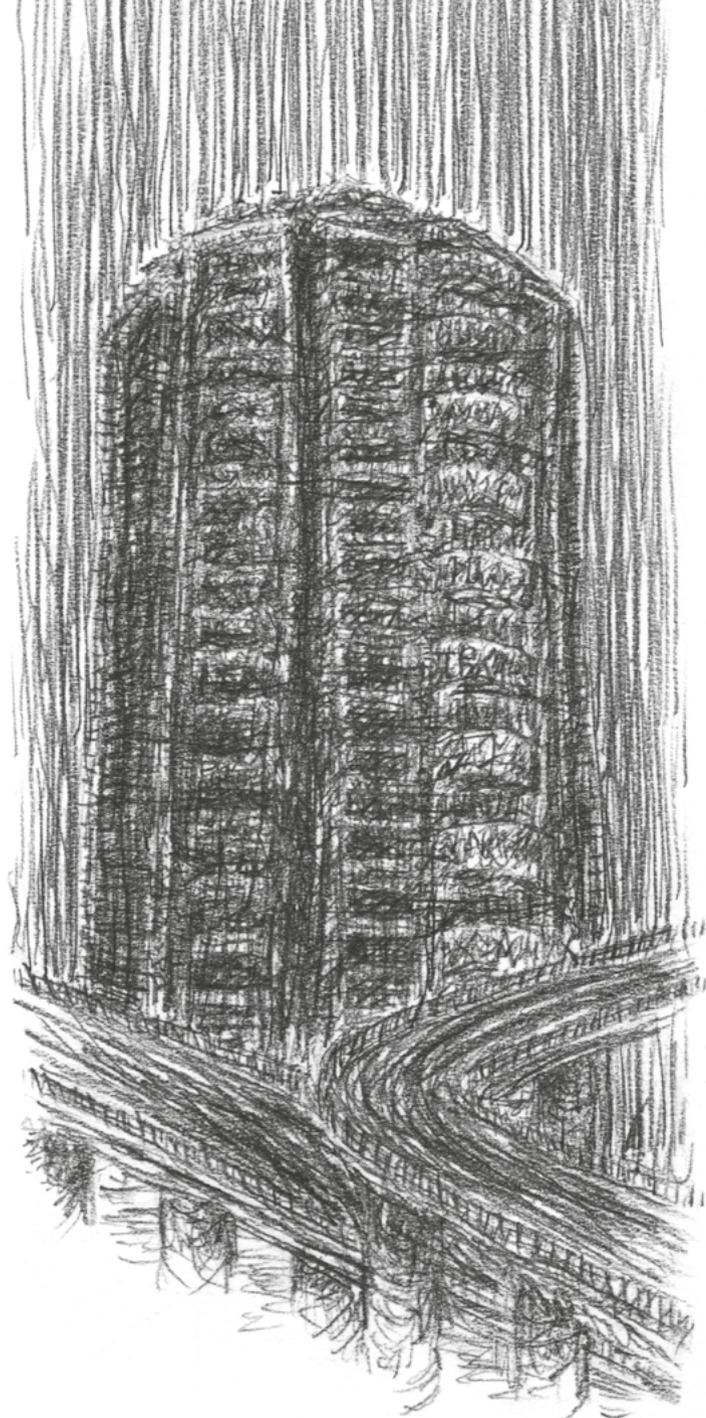
Havia bexigas, cachorro-quente estragado e interatividade. Muita in-te-ra-ti-vi-da-de.

Malu e Débora se aproximaram de Teco com muito carinho e disseram:

“Feliz aniversário, Teco, nós te amamos!”

Foi quando ele bateu o olho nos dois palhaços da Ong dos amigos da Malu: eram Cachacinha e Alambique, já afiando as garras para pegá-lo. Ato contínuo, Teco não teve dúvidas: se jogou da janela do segundo andar do prédio da Wizard.





Quatro horas da tarde.
A última homenagem.

O Babelão vivia uma situação nunca dantes navegada. O impasse era o seguinte: ou o pessoal saía por bem ou saíria na porrada. A tropa de choque já estava amotinada na rua fazia três dias. O tenente esperava apenas a ordem, que viria do alto comando da PM. Tudo dependia de uma negociação. A desocupação pacífica resolveria o enguiço. O prédio era de propriedade do Estado, que pretendia torná-lo uma biblioteca da memória nacional. O toque irônico era que esse novo logradouro público abarcaria documentos e fotos da luta do povo indígena ao longo da História pela demarcação de suas terras.

– Porra, por que o índio pode e nós num pode? – era o grito de guerra dos sem-teto.

– Puerra, nosotros somos índios – gritavam os bolivianos.

– Eu quero vê a cabeça desses macaco na ponta da peixeira – acrescentavam os cearenses e alagoanos.

A coisa estava nesse pé. Esquentava a cada minuto. Chegou a imprensa. A equipe da Tevê Fama. Tinha até jornalistas estrangeiros na parada. Mas tudo engrossou mesmo quando um

sociólogo da USP tomou uma tijolada na testa ao começar seu discurso. Ao proferir a palavra cidadania, pimba!

Naquele dia, aconteceu o seguinte: quando Teco acordou e percebeu a roubada em que estava metido, ligou do celular para o Baiano. Que logo chamou seus amigos Nóia, Guinza e Mané. Pediu ajuda. Como estavam devendo uma, eles botaram a mão na massa. Roubaram um caminhão, estofaram a boleia de colchões, dirigiram até a Wizard e estacionaram em frente ao prédio onde ele morava, bem debaixo da janela do apê. Fuzuê armado, Teco voou para a liberdade. Baiano, que estava na direção, arrancou rapidamente. Cachacinha & Alambique, como se estivessem fazendo um número de circo, também se atiraram pela janela, esborrachando-se na calçada e luxando as canelas e esfolando os cotovelos na queda.



– E aí, mano – disse Nóia para Teco, através da janelinha quebrada da cabine –, curtindo o visual?

Estavam em plena avenida Paulista, o caminhão costurando o trânsito demoníaco e Teco deitado nos colchões da carroçaria. Desceram a Brigadeiro, se meteram no Centro Velho, enveredaram pela Duque de Caxias e estacionaram numa travessa. Logo perceberam a tensão que reinava perto do Babelão. Neguinho em pé de guerra. PMs de um lado, povão do outro. No meio, curiosos torcendo pra ver o circo pegar fogo. Quando Teco apareceu, houve um silêncio estranho. Ninguém entendeu nada. Maior mistério.

– Tu tá com moral na parada – disse o Baiano. – Tiramos você do enrosco. Agora, você devolve a bola.

– Por que eu teria moral? – perguntou Teco. – Nem sei o que está rolando!

– Tu vai entender – disse Nóia.

Nisso, ele ouviu duas mulheres conversando:

– Esse não é o garoto que apareceu na revista Caras?

– Ele mesmo. É o filho adotado daquelas duas sapatas.

– Saiu uma nota também na coluna da Vange Leonel.

– Ou foi na Mônica Bérghamo?

Eles foram entrando no Babelão, os policiais abrindo caminho, no maior respeito.

– É sujeira – disse o major. – Ninguém mexe com o garoto. É chapa branca.

Foram recebidos com honras de Estado. Lá dentro, no miolo do cortiço, havia uma movimentação muito louca. Teco



recebeu tapinhas nas costas, paparicavam o herói. Por causa dele, a invasão policial foi adiada. O trio de amigos o chamara para isso, aliás. De repente, as luzes foram apagadas. A Trapezista Louca e desdentada veio chegando com um bolo de cenoura e doze velinhas acesas. Cantaram, mexeram com a emoção de Teco. Em seguida, teve um pouco de tudo: campeonato de ranho, concurso de lambeção de ladrilhos e até improvisaram roupas femininas para que ele usasse, com sapatos de salto alto e tudo mais que ele tinha direito. Todos sopravam línguas de sogra pelos cantos do Babelão. Algumas mulheres estavam fantasiadas de Madame Ninja.

Havia também a silhueta do vampirinho Dráuzio Varela recortada num enorme papelão para que o pessoal pudesse fazer tiro ao alvo. Moleques remelentos tiravam cacas do nariz e colavam no batente das portas e embaixo das mesas. Teco não acreditou. Aquilo sim é que era o aniversário que ele sempre tinha sonhado.



– Como eles souberam? – perguntou Teco.

– A gente deu o serviço – disse Mané.

Lá fora, os meganhas receberam a ordem de aguardar. Se invadissem o Babelão com o garoto midiático dentro, ia pegar mal, a imprensa cairia de pau.

Ninguém cantou Parabéns a você. Podia ser um estopim pra grandes cagadas e derramamento de sangue. Sabiam que ele não gostava. Não teve balas de coco, não teve a dança das cadeiras, não teve cachorro-quente estragado, não teve super-heróis. Mas tinha um armário no canto do aposento, onde eles sabiam que ele gostava de se esconder. Emocionado, Teco vestiu a roupa de mulher com os sapatos de salto alto e desfilou entre os convivas, sendo ovacionado. Era a glória.

Numa hora lá, ele resolveu retribuir: pegou a caixinha de manicure que tinha recebido do sagui e tirou de dentro o boneco inflável do Máicol Jackson. E assoprou no buraquinho do umbigo. O rei do pop cresceu. Houve uma comoção generalizada.

Improvisaram um rap irado e Teco manejou o controle remoto. A bicha rebolou, improvisou seus clássicos passinhos pra trás e dançou bonito. Pulou, rodopiou, fez o diabo. Uma câmera de TV apareceu no mocó e registrou tudo. Provavelmente, sairia no Jornal Nacional. Ou no Fantástico.

Cortaram o bolo e distribuíram fatias aos esfarrapados, que se lambuzaram. Quando a festa estava no auge, Cachacinha & Alambique furaram o bloqueio da polícia e invadiram o moquifo. O bafafá começou. Foi paulada pra todo lado e foram ouvidos alguns tiros lá fora. A PM também entrou, com escopetas e gás lacrimogêneo. Voaram bombas, sobrou porrada pra todo mundo. Muita fumaça, muitos gritos, o maior fuzuê, gente caída no chão, cães fuçando e latindo. Nisso, as velas do bolo foram derrubadas e atearam fogo nos colchões e nos papelões que serviam de cobertores.

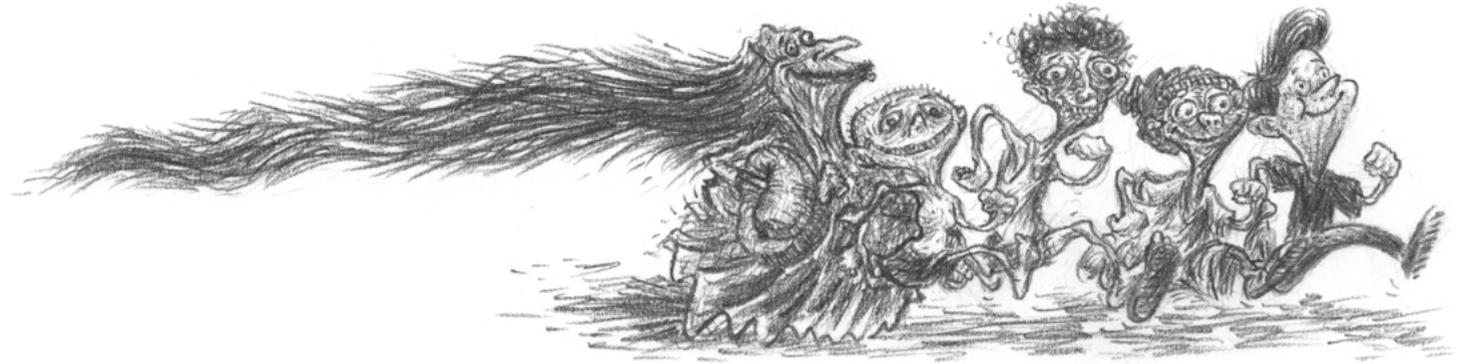


Como se sabe, as leis da Física são inexoráveis. O que aconteceu foi o seguinte: o fogo causou uma inversão térmica, um túnel de ar quente afunilou-se pelos corredores e esse fenômeno fez com que o boneco do Máicol Jackson ganhasse força de propulsão e levitasse. Subiu, ficou por alguns instantes preso ao teto e saiu pela lateral do prédio.

Enquanto o pau comia solto no Babelão, o boneco foi flagrado pelos curiosos, pelos acadêmicos, pela imprensa e pela multidão em geral voando pela janela. Foi muito bonito vê-lo flutuando rumo aos céus de São Paulo, numa última homenagem ao branquelo mais querido da música negra. Todos cantaram Thriller a plenos pulmões. Quando o velho Macca estava quase

chegando às primeiras nuvens de poluição, um policial mais desavisado atirou. O boneco estourou, ganhou força, desinflou e fez aquela curva tão característica: deu um pinote de velocidade, fez fuíííí e se desfez em pedacinhos. A multidão começou a catar os restos mortais: os óculos escuros, o chapéu preto, o narizinho, as botas. Se pegaram no tapa pra garimpar um mísero fio de cabelo. Devoravam-se uns aos outros. A PM pegou pesado e começou a dispersar a turba esfaimada com cassetetes e gás. O Babelão consumiu-se em chamas.

E quase ninguém percebeu quando Teco, Guinza, Nóia e Mané saíram chamuscados por uma porta lateral do edifício. As poucas testemunhas disseram que eles estavam rindo muito. Abraçados à Trapezista Louca, enveredaram por uma travessa lateral da Duque de Caixas e deram o pinote.



PRIMAVERA DE 2012
IMPRESSÃO: Bartira FONTE: Garamond PAPEL: Offset 90 g/m²





9 788597 833676